

Projeto Memórias Possíveis
Entrevistado por Christina Musse e Rosali Henriques
Depoimento de Wilson Cid
Juiz de Fora 10/12/2013
Depoimento MAMM_011_Wilson Cid
Transcrito por Rogéria Nunes Henriques

P/1 – Boa tarde, Wilson.

R – Boa tarde.

P/1 – Gostaria de começar essa entrevista perguntando o seu nome completo, a data do seu nascimento e o local onde você nasceu.

R – Olha! Eu passei a minha vida profissional toda conhecido apenas como Wilson Cid, nasci em Três Rios, estado do Rio de Janeiro, dia oito de agosto de 1940, mas vim para Juiz de Fora em 1944, de maneira que são quase sete décadas aqui, na verdade eu sou juiz-forano, me instalei juiz-forano.

P/1 – Eu queria saber também o nome dos seus pais, e se você também se lembrar, os seus avós paternos e maternos.

R – Paternos Albertina, espanhol, os avós maternos Maria José e Silvestre. Meus pais Maria e Francisco, o meu pai era ferroviário, trabalhava na Central do Brasil, no trecho entre Três Rios e Santos Dumont. Trabalhava ali toda a família, toda a família trabalhava, porque era um trecho ferroviário muito importante, mas um acidente faleceu um tio e aí a família toda resolver se descolar para Juiz de Fora, isso em 1944, 45.

P/1 – Você teve outros irmãos?

R – Tenho um irmão, tenho um irmão que é advogado, só tenho um irmão.

P/1 – A infância então você passou parte em Três Rios e parte aqui, quais são as lembranças que você tem dessa fase da sua vida?

R – Pois é em Três Rios são raríssimas lembranças. Eu nasci na rua central de Três Rios, vim para cá com quatro anos, vim no dia de natal me 1944, a partir daí fui estudar no Grupo Henrique Burnier, ali no Poço Rico, depois no Grupo Antônio Carlos, onde eu permaneci durante todo o tempo. Depois fui fazer admissão, ginásio, me preparei para fazer o curso de direito, mas resolvi que devia fazer era técnico em contabilidade e depois fui para o Rio fazer com o professor Gladstone Chaves de Melo um curso de letras, e bibliografia e também de linguagem, aí me dediquei. Essas coisas se conjunaram de formar aqui, ajudaram a caminhar para a imprensa.

P/1 – Quer dizer essa paixão por escrever e por ler, parece que sempre te acompanhou, desde pequeno?

R – É não apenas pelo meu amor pelo latim, pelo português, mas pelo meu ódio mortal a matemática, isso tudo contribuiu realmente.

P/1 – Essa vida de colégio público naquela época, década de 40, 50 em Juiz de Fora, uma cidade muito menor, você tinha algum local, brincadeiras, ou algum lugar onde você se divertia mais com os seus colegas?

R – Os grupos escolares daquela década de 40, 50 eles tinham um grande prestígio, sobretudo e eu coincidentemente estudei num deles que é o Grupo Antônio Carlos, aqui no Mariano Procópio. Era um grupo de grande fama, grande conceito, um quadro de professores muito bom, mas de modo geral a rede pública tinha uma estrutura muito boa. Naquela época considerava-se que a questão do divertimento era bem secundário, o negócio era estudar para valer, tinha que estudar, estudar... Raramente uma dedicação para entretenimento, que hoje é uma questão considera mais presente e objeto de mais estudo, mais pesquisas, mas naquela época não, naquela época a gente tinha é que estudar mesmo.

P/1 – Algum professor marcou você assim, foi um mestre mesmo, que te encaminhou? Te apresentou os livros? Te despertou essa paixão pela leitura?

R – No primário eu tive as professoras, Laura dos Campos Bastos e Romilda, que foram que marcaram muito a minha presença no estudo, depois quando eu fui estudar o ginásio, professor Arlindo, aqui da Universidade, foi professor de latim e professor José Toledo, meu professor de português, coincidentemente foram os dois que mais contribuíram para despertar o meu interesse por essas matérias. E digo a você com sinceridade que o interesse por essas matérias contribuiu muito para me levar a imprensa, primeiro para o rádio, depois para a imprensa.

P/1 – Você estudou em escolas laicas, escolas públicas, mas você é católico?

R – Sou católico e tenho alguma atividade, fui presidente do Instituto Cultural São Tomás de Aquino durante seis anos, diretor deste instituto, participei de algumas campanhas da igreja aí... Teve uma época que teve uma campanha liderada pelo Mauro Fonseca Horta, uma campanha para a pintura da Catedral, participei disso também. Depois o arcebispo me convidou para ajudar a fundar a rádio deles aí, também tive lá um tempo, mas modestamente, não tive desempenho maior não, mas participei de alguma forma.

P/1 – Esse pouco tempo dedicado ao lazer na sua infância, na sua adolescência, o cinema fazia parte dos seus momentos de entretenimento? Esses poucos momentos.

R – O entretenimento era o Cinema Glória aos domingos, porque tinha matinê, com Tom Mix, Flesh Gordon, aquela coisa, mas a gente tinha o trabalho de durante a semana colecionar revistas, acabavam de sair na saída da porta do cinema vender as revistas. Se vendesse pagava o ingresso e entrava, se não voltava para casa, o entretenimento estava resumido a essa possibilidade, mas era o cinema.

P/1 – Jogar bola, você também tinha...

R – Eu nunca tive vocação, bola eu nunca fui vocacionado para bola não, até hoje não tenho maior interesse pelo futebol. Tanto é que o time de simpatia é o Madureira, que não tem nenhuma glória, nenhuma responsabilidade com a glória e com o sucesso, a minha atuação com a bola é discretíssima, modestíssima, passageira.

P/1 – Algum autor que te inspirasse? Já que a leitura era uma convivência tão frequente, algum autor que realmente foi para você, assim, um norte nas suas reflexões de adolescente, recém entrando na vida adulta?

R – Christina, quando a gente estava iniciando o curso ginásio, naquela época havia um grande empenho do professor no sentido que se dedicasse a leitura dos clássicos. Então, ainda que superficialmente eu me interessava, desde aquela época despertou em mim muito interesse por Cervantes, o Dom Quixote, que é uma obra muito interessante, porque o Dom Quixote aos 14 anos é uma coisa, você aos 20 é outra, 30, 40, 60 são coisas inteiramente diferente. Então é uma obra permanente para as pessoas, essa ficou na minha cabeça, eu gosto demais de reler sempre Cervantes. Mas a gente no ginásio lia Proust, e mais tarde agora já sem estudar, nós tivemos muito que nos dedicar a leitura de Pedro Nava, por causa da importância dele em relação não só a memorialística nacional, mas a importância dele com a cidade, a história da cidade.

P/1 – Seu interesse também por história, flagrante na sua trajetória de vida como profissional e pessoal, né?

R – No jornal a gente ia trabalhar, por exemplo, com Gilberto de Alencar, José de Alencar, Paulino de Oliveira, Hipólito Teixeira, que é uma pessoa que se dedicava muito as questões da cidade, e como era a época que eu também participava de jornal, esse interesse também foi coincidência, eu comecei a me interessar pelas coisas do passado da cidade, gosto muito disso mesmo.

P/1 – Como você despertou para a atividade de radiofone? Foi o seu primeiro emprego com rádio, né?

R – Foi no rádio, eu era boy de um sindicato, Sindicato da Fiação e Tecelagem, que funcionava no Edifício Baependi, também funcionava a Rádio Industrial, primórdio da Rádio Industrial. Ocorre que naquela época eu era vizinho de um produto da Rádio Industrial, Raimundo de Oliveira, que achou que eu tinha uma voz razoável para rádio, aí me chamou para fazer um teste e eu fui. Primeiro na Rádio Industrial, depois na Difusora, onde eu realmente fiquei. Passagem para a Industrial só foi mais tarde, mas pela Difusora, 13 de fevereiro de 1957 eu comecei na Rádio Difusora, que era a emissora católica da cidade, e às sete horas da manhã eu lia a Oração de São Francisco, primeira coisa que eu falei no microfone, e nos outros 30 anos eu estive ligado ao rádio.

P/1 – Rádio em 1957, aqui em Juiz de Fora em especial, era de ouro, foi a era de ouro do rádio em Juiz de Fora, né? Vocês tinham rádio atores? Rádio Atrizes? Orquestra?

R – A Industrial nessa época, quando eu estava lá em 1957 a Rádio Industrial tinha duas orquestras, conjuntos, tinha um elenco de rádio teatro dirigido por Natálio Luz, que me parece que tinha 16 pessoas no rádio teatro, cantores, e todo dia programa de auditório Walmick Campos, Walter Monachesi, Paulo Emerich, o próprio Natálio, José de Barros, todo esse pessoal era programa de auditório diários, e sempre lotados os auditórios. Eu tenho a impressão que o fato de a televisão ser naquela época insipiente, com poucas razões para as pessoas permanecerem em casa a noite, isso contribui muito para que os estivessem sempre cheios, nós tivemos grandes cantores, alguns deles até se projetaram fora daqui, era muito movimentado o rádio nessa época.

P/1 – E as gravações de auditório eram feitas no Cine Teatro Central?

R – Alguns.

P/1 – As outras no próprio auditório da rádio?

R – A rádio Industrial, por exemplo, primordialmente funcionou no prédio onde é o Cinema Palace, o auditório era ali, os cantores todos se apresentavam no auditório, que me parece uns 250 lugares, depois foi para a rua Batista de Oliveira onde hoje é o Sindicato dos Bancários, havia também auditório, sempre com um auditório. A Difusora, que era uma rádio sem programa de cantor, mas ela tinha o seu auditório também, porque ainda que você não tivesse cantores, teatro, e programa de auditório, você tinha entrevistas muito frequentes. Por exemplo, o Tribunal da Opinião Pública, que foi o grande

programa de debate político no rádio de Juiz de Fora, era sempre realizado no auditório da B3, ali ao lado do Central, Cinema Central, aquele prédio ali onde é uma sapataria, por ali, onde estiveram ali grandes figuras, nós mesmos tivemos a oportunidade de estar lá Plínio Salgado, José Maria Alckmin, Nilton Campos, Jânio Quadros, João Goulart, Santiago Dantas, essas pessoas de escol na política nacional, todas elas pisaram ali, todas, quase todas estiveram presentes ali, de maneira que, o prestígio do jornalismo no rádio era muito grande também nessa época, o rádio tinha grande prestígio, mas acho sempre que o fato da televisão ser incipiente, ainda não ter a expressão que tem hoje, e que teria logo depois, contribuiu muito para o rádio tivesse esse prestígio, anos 50, anos 60 sobretudo.

P/1 – Você ficou na Difusora em que período? De 57 a?

R – A 61, depois eu fui a Belo Horizonte trabalhar na Rádio Itatiaia, trabalhei lá alguns meses, pouco tempo, e voltei, aí fui para a Rádio Sociedade onde eu fiquei mais tempo. Aí, ocorreu um fato interessante, eu era responsável pelo setor de rádio jornalismo da Rádio Sociedade, PRB3, aí morreu Winston Churchill e nós entramos com um texto sobre Winston Churchill, lido na rádio. Pois bem, mas dificuldade momentâneas da redação doo jornal me pediram se eu podia ceder aquele texto para o Diário Mercantil e o Diário da Tarde, foi publicado e ali começou o meu entrosamento, graças a uma notícia da morte de Winston Churchill.

P/1 – Isso ainda em 62?

R – Por aí, nessa fase, depois veio a morte do Kennedy também, houve esse entrosamento. Mas antes mesmo disso, sabe Christina? Os Diários Associados aqui em Juiz de Fora, o Diário Mercantil, e o Diário da Tarde, os Diários Associados tinha aqui um departamento comercial muito ativo, muito ativo mesmo comandado pelo Oswaldo Gouveia, pois bem. E os jornais cobriam todas as inaugurações, os jornais cobriam todas as festas, tudo como matéria paga, publicidade mesmo, e aquilo dava muito trabalho e me usavam muito nesse trabalho, para redigir discurso, redigir o material depois, a publicação, páginas inteiras de inauguração, aquela coisa toda, mas eu ganhava por centímetro, o Renato Dias Filho, que era diretor, me mandava pagar por centímetros, mas como era muita coisa eu comecei a ganhara bem, aí então ele mandou me contratar, foi então que eu entrei, mas entrei logo fazendo editoria política.

P/1 – Quer dizer, você passou exatamente dessas colaborações que eram mais nem tão frequente...

R – É mais muito intensa.

P/1 – Você era *freelancer*?

R – É. Havia material muito intenso, inaugurações, textos comerciais, as peças publicitárias que hoje nós temos nos jornais, elas eram raras, havia mesmo era texto para você ler. Inaugurava uma loja de tecidos, por exemplo, hoje o que é que acontece? Vem uma peça publicitária das agências, mas na época era no texto, discurso: o padre cortou as fitas simbólicas, quem falou o prefeito, o vereador, tudo isso, era uma comunicação diferente nessa época.

P/1 – Isso convite para ir direto para editoria de política? Que é uma editoria, assim, difícil, não era muito simples, principalmente, numa cidade de porte médio.

R – Porque o seguinte, naquela época a política era muito movimentada, e o pessoal era escasso, porque era um pessoal que se dedicava muito a editoria de cidade, uma parte da política era mais a câmara. Aí, veio aquele movimento, a campanha de 60, o Lott aqui, Jânio Quadros aqui, esses comícios incríveis aqui e faltou gente, aí eu entrava. Eu entrei por aí, comício na Praça da Estação, aquela coisa toda, comício do Jânio Quadros, comício do General Lott. Aí, ocorreu o fato que até uns jornais do Rio e Belo Horizonte comentaram isso, chovia demais no comício do Lott, General Henrique Teixeira Lott, candidato a presidente da república, na Praça da Estação, chovia muito e a fiação estava transmitindo choque, sabe? E os operadores sugeriram que eu segurasse o microfone com lenço e com muito vigor, para conter o choque. E eu vou me comunicar com Geraldo Magela Tavares, que também está na cobertura, e virei o microfone sem querer advertidamente encostei na borda da orelha do General Lott, e ele coitado deu um salto, que coincidentemente aquele negócio de foguetório, aquelas coisas, o General deu um pulo para trás, foi muito constrangedor aquilo ali, porque deu polícia aquela coisa toda, mas parou. Então, era isso os comícios, hoje comício nem existe mais, palanque hoje é a televisão, mas naquela época comício juntava cinco mil pessoas, seis mil pessoas, era uma coisa movimentadíssima. E eu entrei também na cobertura disso aí, aí depois me levaram para a câmara, enfim, mandar fazer entrevistas. A cidade tinha um prestígio político muito grande, e essas lideranças todas aportavam aqui, para fazer contatos, para conversar, para inaugurar diretórios, a cidade tinha muito prestígio. Ocorreu que ainda na década de 50, com o surgimento do trabalhismo, aí o pessoal trabalhista de Juiz de Fora, era um pessoal também de expressão nacional, Vandal, Clodesmidt Riani, e outros mais, Galeria, esse povo tinha muito prestígio nacional, e a cidade era enfocada também sobre esse aspecto. Aí, veio o Golpe de 64, março de 64. Antes disso no dia 31 de maio de 1963 o presidente João Goulart veio a Juiz de Fora para a festa do aniversário da cidade, e eu fui escalado para vir na terceira zona aérea, embarcamos no Rio e vim no avião

para a gente transmitir uma entrevista com ele pelo rádio como presidente da república e a recomendação que eu tinha era que assim que o avião pousasse aqui na Serrinha eu transmitisse ao presidente em nome da empresa o convite para que ele tivesse aqui no 31 de maio do ano seguinte, 64, para inaugurar a TV Industrial. E eu transmiti o recado, interessante que está gravado aí o presidente: vamos ver se estaremos aí, e não esteve coitado, o golpe de estado derrubou, não podia estar aqui mesmo em 64. Aí, veio o Golpe de 64, e como aqui era sede de uma guarnição, sede também de auditoria de guerra, processo contra políticos de Goiás, Brasília e Minas Gerais eram todos centrados aqui. Isso deu uma movimentação na auditoria aqui, porque todos os processos, batia aqui pessoa muito importante, Leonel Brizola foi julgado aqui, João Goulart julgado aqui, Jânio Quadros julgado aqui, Guerrilha de Caparaó, pessoal vinculado ao proselitismo, enfim, esse pessoal todo julgado aqui, durante 19 anos eu fui correspondente do Globo aqui, basicamente por causa disso, por causa dessa movimentação na auditoria. Então, eu nunca consegui me desvincular da política, direto e indiretamente sempre vinculado a política, e eleições em cima, e o rádio tinha uma importância incrível nas transmissões de apuração de eleição, porque diferentemente do que acontece hoje, você às oito horas da noite você tem o resultado total das eleições no país inteiro, naquela época você ficava três, quatro dias com contagem de votos urna por urna, seção por seção, e você julgava aqueles resultados urna por urna, depois a noite você conferia aquilo tudo para bater com a justiça eleitoral, enfim, era um trabalho imenso. Então, foi isso sempre a política abriu uma porta para eu estar presente.

P/1 – Curiosa essa participação dos presidentes, mesmo antes do Golpe Militar de 64 aqui em Juiz de Fora, uma presença física, essa questão de Juiz de Fora ter uma importância política no cenário nacional, que depois ela perdeu, evidentemente, hoje é difícil um presidente da república visitar Juiz de Fora, e naquela época, apesar das dificuldades, inclusive que seria de transporte muito maiores, você tinha uma presença muito mais intensa, você vê isso de que forma? Você consegue analisar, tirar alguma reflexão sobre esse aspecto do vazamento político da cidade?

R – Porque a liderança política tinha muita expressão, eles vinham porque a liderança aqui tinha muita expressão, veja você, por exemplo, que Washington Luís teve aqui em 1929, participou de um banquete no antigo Solar dos Penidos na Rio Branco, que depois foi a casa do bispo, agora já é um prédio, ali ao lado do Cenáculo. Foi ali a primeira vez que o Washington Luís insinuou que o Antônio Carlos, que era líder político local que Júlio Prestes seria o candidato dele, quer dizer, São Paulo não cederia a Minas a vez aquela eleição, 1930, foi ali o primeiro sinal da aliança geral, depois da chamada Revolução de 30, as pessoas, o próprio João Goulart, o Getúlio Vargas. Getúlio Vargas foi o presidente que mais veio a Juiz de Fora, cinco vezes, uma dessas

vezes ele ficou aqui uma semana na Fazenda São Mateus despachando com o ministério, mas por quê? Porque era João Tostes, porque era Antônio Carlos, porque era Odilon Braga, os políticos daqui que eram muito expressivos, João Penido, eles tinham muito prestígio, Eduardo Menezes, então, esse pessoal como tinha muito prestígio eles vinham aqui e cidade ganhou muito prestígio com isso. A questão do Getúlio Vargas foi incrível, a cidade ganhou muito prestígio com ele por causa disso, um presidente da república gostar de passar o aniversário aqui na cidade, trazer o governo todo para decidir as coisas aqui durante uma semana, é incrível isso, ainda que simbolicamente, ainda que não oficialmente, mas transferir a sede do poder para aqui, isso aconteceu com Getúlio Vargas, que foi o presidente que mais prestigiou Juiz de Fora sobre todos sentidos.

P/1 – A importância do trabalhismo também intensa na cidade, principalmente, nessa fase dos anos 50, com as figuras que você revelou, entre elas a mais conhecida certamente era Clodesmidt Riani. A imprensa de Juiz de Fora ela retratava essa importância do trabalhismo na cidade ou era mais conservadora?

R – Não, isso passou de marcha batida, a imprensa não cuidou disso cientificamente, cuidadosamente, não cuidou, o Clodesmidt Riani era um líder eletricitário, sindicato dos eletricitários, a Companhia Mineira, onde ele trabalhava era uma empresa privada. E ele tinha muito poder para isso, e quando o Partido Trabalhista Brasileiro surgiu aqui, já com Getúlio Vargas com muito prestígio aqui, Arlindo Leite, Clodesmidt Riani, Arlindo Zanini, e outros mais, outros trabalhistas mais, Hildebrando Bisaglia, esses políticos todos ganharam muito prestígio com Getúlio Vargas, tiveram o prestígio também transferido para o Partido Trabalhista Brasileiro, o trabalhismo em Juiz de Fora ganhou fôlego e expressão exatamente a partir do Partido Trabalhista Brasileiro, o doutor José Procópio Teixeira Filho contava nas suas memórias uma coisa interessante, a continuação da Rua Silva Jardim, por exemplo, era uma coisa que desafiava todo mundo, ninguém tinha coragem de cumprir aquilo. Chegaram os trabalhistas e insistiram naquilo ali, o PTB conseguiu fazer com que aquela continuasse. Então, houve essa coincidência, o prestígio de Getúlio Vargas em Juiz de Fora, e pessoas aqui dispostas a participar com os sindicalistas, o sindicalismo ganhou expressão nessa época em Juiz de Fora, mas ele já uma gênese, ela já tinha expressão, movimentação, os sindicatos eram muitos, ainda que sem expressão política, mas era uma expressão latente, e se expressou definitivamente com o Partido Trabalhista Brasileiro.

P/1 – Quer dizer, as ligações do PTB com Juiz de Fora eram talvez até maiores que da própria UDN ou do PSD?

R – Sim era. Agora a UDN e o PSD eles tinham um prestígio, porque eles faziam antagonismo, eles faziam o contrário, como o PTB logo começou a ser um partido do trabalhador urbano, as classes mais conservadoras e os ruralistas ainda tinham expressão, ainda trazia alguma expressão dos anos 20, anos 30, eles foram se domiciliar na UDN e no PSD, mas o PSD também do Getúlio Vargas, tanto é que o presidente sempre se aliava ao partido trabalhista, a grande oposição era a UDN, a UDN que ainda resistiu a elite de Juiz de Fora por algum tempo, foi isso.

P/1 – Você considera que nesse período a cidade, por exemplo, entre os seus leitores, ou os ouvintes de rádio, ela contava mais com essa elite conservadora ou com esse trabalhismo, esses sindicatos, esses operários mais progressistas?

R – Olha, hoje um grande conflito nisso daí, eles tinham atividade muito intensa, por exemplo, os partidos de direita, os conservadores eram representados por uma ala, por exemplo, que tinha o Abel Rafael Pinto, deputado federal, que era do partido integralista, para você vê ele tinha expressão, tanto é que trouxe o Plínio Salgado algumas vezes em Juiz de Fora, numa delas eu até ajudei a entrevistar. Então, fazia esse antagonismo, o PTB criava a sua força com o sindicato trabalhador urbano, e a UDN mantinha essa expressão dos remanescentes daquela elite que vinha de Juiz de Fora antes do trabalhismo, na época que a gente dizia que as moças aqui estudavam bordado e tocavam piano, nessa época, como dizia Murilo Mendes aí. Então, houve esse antagonismo, que se projetou também em algumas eleições, em algumas eleições sofreu impacto dessa projeção.

P/1 – E a imprensa escrita em Juiz de Fora, de certa forma dialogava também...

R – A imprensa não teve cuidado de analisar isso profundamente, eu digo a você que se você dedicar a pesquisar isso talvez até encontre alguma dificuldade, porque a grande imprensa de Juiz de Fora era dos Diários Associados, uma imprensa conservadora, que não cuidava de dar maior prestígio ao PTB, a principal emissora era Rádio Sociedade, que também não apreciava, apreciava mais esse conservadores. Isso fez com que o trabalhismo ficasse um pouco assim sem cobertura, a não ser quando ocorria fenômeno interessante. O grande chamado comício do Miguel Arraes aqui patrocinado pelo PTB, sindicatos, que deu uma confusão brutal nesse centro da cidade, polícia, metralhadora, enfim, a não ser assim a imprensa não via os trabalhistas com grande expressão, pelo contrário até criticavam muito. Você vê que quando chegou o Golpe de 64 todas as emissoras daqui ficaram solidárias com a reação aqui do comando da região militar, todos.

P/1 – Quer dizer não havia, mesmo entre os jornalistas, que trabalhavam nos jornais da época, uma preocupação em cobrir esse tipo de setor da população, não era um tipo de leitor que interessasse?

R – Cobria-se o fato, mas não se cuidava de fazer análise do fato, entendeu? Só dava reunião dos trabalhistas, pronto, encerrava o papo, não analisava isso mais profundamente, ficamos devendo isso a cidade e a história.

P/1 – E a câmara municipal nesse início dos anos 60? As características dela? Quer dizer, os vereadores eram pessoas que tinham um compromisso mais intenso com a coletividade? A cobertura da câmara era mais interessante?

R – A cobertura da câmara era interessante, sobretudo, porque o repórter da câmara, que era o professor Almir de Oliveira, fazia uma crítica, ele não se limitava, aliás, é pioneiro nisso, ele não se limitava ao fato, ele criticava muito os vereadores, mas foi uma exceção. Agora a câmara, você vê, em 64 o golpe de estado cuidou de cassar quatro mandatos, que eram dos vereadores trabalhistas e um socialista, não tinha maior expressão, digo assim, numérica na câmara municipal não, o resto era de centro ou de direita.

P/1 – Na época que você trabalhou para o Diário Mercantil a página de política era qual página?

R – A página de política a três, e uma coluna na dois, lá estavam Lair Veloso, Nello Gervason, eu, Almir de Oliveira, Herval Braz, algumas coisas da páginas dois e três, muitas dessas matérias é reproduzida no Diário da Tarde.

P/1 – Você escrevia também para o Diário da Tarde?

R – Raramente, mas é muita coisa, matérias mais de política do Diário Mercantil tinha muito aproveitado no Diário da Tarde. E o Diário da Tarde, porque ele fechava às quatro, cinco da manhã, ele tinha vantagem de aproveitar o noticiário de fora, que vinha do Rio, por exemplo, o Mário Hêlenio fazia esporte podia se dá o luxo de esperar o trem, o expresso as 22 e 30 na estação, trazer o jornal e ele tomar conhecimento das coisas, aí reproduzir aquilo em função do noticiário local também, vinha notícia do Flamengo, do Vasco, o que é que isso repercutia em Juiz de Fora? Ele tinha esse material, fora isso era a Associação dos Diários Associados, que chegava pelo teletipo, uma coisa complicada, você tinha que ouvir pelo telefone, ditado pelo telefone, ditava-se uma página nacional, ditava-se uma página internacional toda pelo telefone, e você há cinco metros de distância do linotipo, uma barulhada infernal, depois veio o telex, já começou a melhorar um pouco.

P/1 – Quer dizer, com linotipo você recebia todo texto pelo telefone, ele era lido.

R – Não, digo, nós redigíamos, com o telefone segurado no ombro, mantido pelo ombro, redigia ali, mas eu digo assim a proximidade desse trabalho era chagado ao linotipo, que é um aparelho barulhento, ali dificultou, se não pudesse escutar era uma tragédia, você entender certa palavras, ‘p’ de país, ‘b’ de Brasil, aquela coisa complicada. Christina, foi uma época de muito sacrifício. Interessante as pessoas participavam mais pela camisa, pela vontade de participar, interessante isso, as dificuldades eram imensas, ganhava-se pouquíssimo. O Diário Mercantil foi o introdutor do salário profissional aqui e em muitas partes do Brasil, mas antes era uma boa parte por diletantismo, só escrevia para o jornal escrevia e pronto, mas era uma coisa complicada.

P/1 – Muito respeito, o jornalista é uma figura respeitada no seio da comunidade, ser jornalista parece, pelos depoimentos que a gente ouviu aqui, era algo que diferenciava aquele sujeito.

R – É sim, realmente, mas, sobretudo, quando assinava matérias, porque o repórter de rua, o repórter que cobria polícia, por exemplo, que era o forte, o forte do Diário da Tarde era polícia, vendia brutalmente, nossa! Como vendia jornal, às quatro horas, quatro e meia saiu aquela imensidão de criança gritando Diário da Tarde pela rua, e alguns desses pequenos jornaleiros ficavam até famosos, um deles foi esse que morreu recentemente, o cantor Wando, o outro Dom Altivo Pacheco, arcebispo, mas a garotada saía desesperada pela rua vendendo Diário da Tarde e vendia mesmo. Houve um crime aqui na quarta-feira de cinzas de 1964, famoso crime de um bancário, gente de banco aí, que o jornal vendeu 12 mil e 800. A gente tinha uma certa vantagem que naquela época, porque a estrutura mecânica do jornal não é a mesma de hoje, ela permitia você agir mais rapidamente, houve uma coisa extraordinária você parava, abria a rama e botava um pedaço de chumbo lá, fechada, imprimia e estava resolvido, hoje não, hoje você tem codelite, produção, uma coisa complicada para se mexer, havia essa facilidade maior.

P/1 – Você fala que tinha um espírito, um corpo de equipe muito grande, apesar das pessoas não serem ainda, muitas trabalharem mais por diletantismo...

R – Não tinha havia de comunicação, não havia, geralmente era o pessoal da área de direito que se dedicava mais a ao jornal. E as pessoas escrevia do jeito que entendiam que deveria escrever, não havia modelo, não havia assim uma estrutura de redação, técnica, minimamente técnica, não havia, escrevia-se e pronto, alguns escrevia muito bem.

P/1 – Diagramação inclusive chegou aqui mais tarde?

R – Bem mais tarde, naquela época você compunha o jornal no chumbo, aquilo ia para a oficina, e o chefe da oficina distribuía aquilo na página, do jeito dele, como ele queria, nada mais do que isso, não havia diagramação. Só depois quando o Diário Mercantil entrou no offset que aí a diagramação começou a ser tratada com carinho, dois, três diagramadores, mas antes não era a oficina que cuidava disso.

P/1 – Era um jornal basicamente de texto e muito pouca foto?

R – Muito pouca foto, era para você ler mesmo, como conservam até alguns jornais europeus, texto para valer, não tem brincadeira não. E hoje é até que uma certa preocupação de você abrir mais subtítulos, você tornar a página mais atraente, você cuidar mais da concisão, concisão que é fundamental hoje, porque na época não se cuidava disso, era assim que se fazia.

P/1 – Como é que era a sua rotina? Você chegava no jornal a que horas? Como é que era o seu dia no jornal?

R – A gente chegava dez horas para conversar, depois sair para almoçar, depois conversar um pouquinho, depois das 18 horas ia fazer um lanche, alguns iam para o Raffa's dançar, outros eram não sei o que, outros iam beber cerveja, depois voltar, não tinha muito compromisso com horário.

P/1 – Mas ninguém tinha casa, família? Parece que era uma eterna boemia quando a gente conversa com jornalista.

R – Havia muita boemia mesmo, havia demais. Mas é porque não havia compromisso, havia muito compromisso com camaradagem, isso influi muito, você lendo, por exemplo, 'Memórias Quase Póstumas' do Paulino de Oliveira você vai ver como é que era o pessoal, de bar e botequim mesmo naquela época, se divertia nisso, depois voltava para a redação não tinha fechado página, e acabava de trabalhar. Houve caso interessante, uma vez havia um pessoal do Rio de Janeiro trabalhando aqui na reestruturação do Diário Mercantil, reestruturação gráfica, e esse pessoal resolveu parar para ir a um baile no Raffa's, havia o Raffa's nessa época, e eles se entusiasmaram muito com aquela festa, dança para cá, bebe cerveja, whisky, aquela coisa toda. E o pessoal esperando lá para acabar de trabalhar, às seis horas o Rafael Jorge, que era dono da boate doido para fechar aquilo, então, tomou uma atitude singular, mas eficiente, mandou o conjunto executar o hino nacional, e aí todo mundo ficou de pé e foi embora, é só assim que funcionava. Mas a turma era boêmia, muito alegre, muito fraterna, sobretudo o seguinte, as pessoas muitas delas, aquele emprego só, só aquele, hoje é muito difícil isso, hoje você faz

assessoria aqui, corre para cá, corre para lá, a vida hoje não faz esse tipo de concessão, naquela época fazia, você tinha mais liberdade para trabalhar.

P/1 – E conseguia sobreviver?

R – Sobreviver, naquela época também era mais fácil sobreviver, hoje é mais difícil. Hoje é mais complicado, as exigências da vida na época não eram tantas como hoje, você vivia uma vida mais modesta, portanto os rendimentos poderiam ser mais modestos, você trabalhava mais naquele jornal e pronto, raros tinham uma assessoria, uma atividade, alguns eram professores, mas ganhavam tão mal como continuam ganhando até hoje.

P/1 – E mulheres na redação? Eram poucas na época da década de 60?

R – Eram muito poucas, eu me lembro que era Margarida Miranda e a Clélia, era uma dupla, mas eles pegavam as mulheres botava para fazer sociais, aniversário, trova, aquelas coisa todas, elas não tinham atuação direta na cobertura. Isso começou a mudar com Heitor Lery Guimarães, quando ele formou a primeira equipe feminina para fazer cobertura de carnaval, uma dessas moças até depois foi miss, Bolívia, Venezuela, uma coisa dessa aí, trabalhava seis moças, ali começou de vez em quando uma fazia uma matéria, mas o curso de comunicação é que realmente abriu, o curso de comunicação aqui é que realmente foi abrir espaço para mulher, que hoje é a maioria, não só em jornal, mas também em televisão, você liga a televisão hoje para ver telejornais a estrutura desses programas está na mulher.

P/1 – Esse clima boêmio, de camaradagem, ele sofreu alguma ruptura a partir, por exemplo, do golpe e instituição de censura, e presença às vezes de representantes do exército ou até de serviços de informações nas redações?

R – Christina o que mais machuca é a censura, porque isso é uma ferida que não sara, as coisas que ficaram da censura, o que tivemos que sofrer com isso não sara e nem esquece. Isso aí ajudou a tornar a equipe mais separada, mais individualizada, ajudou sim, contribuiu muito, as pessoas mais preocupadas em não fazer o que não podia fazer, tomar cuidado, o que é que isso? Vai sair? O oficial chegou lá e censurou um trecho, uma matéria da câmara municipal, aí você tinha que enfiar uma receita de biscoito de polvilho ali, fazer essas manobras assim, sempre com retaliações, sempre com ameaças, e chama lá para depor, chama para ofender. Enfim, isso daí também contribuiu para desestruturar, as pessoas foram se separando, depois também veio a necessidade das pessoas terem outro tipo de atividade, também ajudou, antigamente se dedicava ao jornal, você chegava meio dia no jornal, você ficava até meia noite, ou conversando, ou batendo papo, tinha mais

convivência, hoje não, hoje as pessoas chegam tem a sua pauta para cumprir, cumpri e vai embora, tem outras atividades é diferente.

P/1 – Você escreveu a matéria, foi você, por exemplo, que escreveu a matéria que o Diário Mercantil deu sobre o golpe militar? A primeira matéria que saiu você escreveu? Você cobriu? Você chegou a acompanhar as tropas do General Olímpio Mourão Filho em direção ao Rio?

R – A primeira matéria eu não fiz não, mas semana antes havíamos, não apenas eu, mas a matéria eu fiz, havia percebido que tinha uma movimentação muito intensa inusitada no aeroporto. E um dia desse eu fui lá ao aeroporto, aí desceu um avião com secretário de segurança pública o Monteiro de Castro, o Magalhães Pinto e o General Luís Guedes, para ter um encontro com o General Mourão, que era o comandante da quarta região, era o Mourão Filho, e o Magalhães Pinto sempre solícito, ele nunca foi rude com a imprensa, mas eu perguntei a ele, “Questões administrativas só, estou de passagem para o Rio, resolvi parar aqui,” mas governador com generais? Enfim, sempre despistando, mas estava em curso a dissidência a revolução, o golpe de estado já estava em curso naquela época ali, interessante que todo mundo percebia isso menos o presidente da república. O pessoal da presidência da república não percebia isso, estava em curso o golpe de estado, a insurreição, que começou aqui.

P/1 – O golpe parece que teve um nascimento dele foi muito localizado numa época em que a informação não era tão rápido, e foi muito localizado em Minas, talvez o Magalhães Pinto tenha sido a grande cabeça, muito mais do que qualquer militar.

R – Agora houve um detalhe aí que tem escapado da análise, você vê que por ser inusitado, por ser desajustado ao momento, mas que vale a pena registrar. Naquelas primeiras horas do golpe, que nós ficamos 48 horas lá dentro do quartel, transmitido aquela coisa, nós tivemos a mais absoluta liberdade de divulgação, a mais absoluta, teve um momento, que, por exemplo, o General Mourão Filho ficou sabendo que por causa do golpe, que alguns empresários aqui estavam se negando a pagar o salário mínimo aos trabalhadores, porque era dia 31 e primeiro de abril. Ele pegou mandou comunicar e nós transmitido aquilo pelo rádio, que ia mandar fuzilar todos os que não pagassem e nós tínhamos acesso absoluto a essa informação. A conversa dele com o General Odílio Diniz pelo telefone, um fazendo ameaça ao outro e nós ao lado ali acompanhando, havia um comitê de imprensa lá dentro, essas primeiras horas. Depois a coisa complicou, complicou bem para nós, por exemplo, quando Castelo Branco veio a esse prédio aqui visitar, eu por exemplo, não tive credencial, eu José Carlos, Heitor Augusto, não pudemos ter credenciais, porque eram suspeito de antipatia com o regime, aquela coisa toda, depois

censura em cima, prisões em cima, as coisas aí começara a complicar, até 68 quando acabou de complicar mesmo para valer.

P/1 – Esses primeiro momentos pós golpe, quer dizer, no momento inicial, nos primeiros momentos reais, vocês tiveram ampla liberdade, um comitê de imprensa atuando dentro da quarta região? Vocês conseguiram também noticiar as primeiras prisões? Ou não?

R – Conseguimos, nós tínhamos informações. O Dagoberto, diretor dos Correios, foi a primeira prisão em Juiz de Fora, a caça ao Clodesmidt Riani, também sabíamos lá de dentro, a prisão dos vereadores, nós ficamos sabendo lá dentro, a própria informação de que aviões do governo estavam sobrevoando a cidade para lançar panfletos comunicando a exoneração do general do comando da região até isso eles mesmos comunicavam, tínhamos informação lá dentro. Os oficiais que reagiram e não queriam descer para o Rio, como por exemplo, o irmão do Tancredo Neves, assistimos tudo, “Quem não quiser participar um passo a frente” nós assistimos ele dar um passo a frente, naquele momento, sabe, Christina? Até aquele momento, até aquela hora em que as tropas saíram a nossa liberdade de informação foi perfeita, depois a coisa não foi.

P/1 – Começou a complicar o que? Uns meses depois?

R – Com o Castelo ainda teve alguma coisa, mas a coisa ficou complicada mesmo com o Médici depois, a coisa complicou, foi com ele que a coisa andou mais complicada.

P/1 – Você chegou a sofrer algum tipo de ameaça? Ou teve que prestar depoimentos, como você falou alguma vez por questão de alguma matéria que você publicou?

R – De vez em quando chamava a gente para prestar informação, sobre colegas, por exemplo, houve um colega nosso aí que era correspondente do Jornal do Brasil, foi ameaçado pelo comandante da quarta região, pediu para ir lá a gente ia lá depor, e depois perguntava se conhecia o fulano de tal, se tinha alguma atividade subversiva, enfim, essas perguntinhas assim. Agora ameaça física eu nunca sofri não, nunca sofri não. Sofremos assim antipatia, por exemplo, um sindicato me indicou certa vez para ser ao lado do Mário Helênio, propostas para vogal da justiça do trabalho, o meu foi literalmente cortado na hora, não tem nada a ver, depois eu fui indicado para ocupar a assessoria de imprensa do Banco Credireal, cortaram também, mas só isso, assim, perseguição física isso não, isso nunca sofri não.

P/1 – Essas revelações hoje que se tem em mãos sobre a parte do trabalho sobre comitês de verdade sobre tortura em Juiz de Fora, vocês sabiam que havia tortura aqui em Juiz de Fora? Além do julgamento de processo e prisões?

R – Sabia, tinha informações de isso sim. Aliás ocorreu uma coisa muito interessante, que eu nunca consegui solucionar essa dúvida, mas estava preso aqui no Décimo Regime de Infantaria, o Padre Lage, que era um líder de favelados em Belo Horizonte, ao lado dele, da cela dele preso o deputado José de Castro Ferreira a quem eu fui visitar. Ao lado dessa cela ficava uma cela com duas mulheres, na época eu vi assim, depois passados os anos assim, a gente vê a foto da época a gente supõe que uma delas pode ter sido a que hoje é presidente da república, pode ter sido não sei, mas como ela foi presa aqui, ela já confessou isso, é possível que tenha sido. Mas havia um anonimato muito grande, sabia que, por exemplo, o Riani era muito maltratado, muito maltratado, o vereador Francisco Pinheiro, muito maltratado, houve casos assim muito interessantes, por exemplo, na Penitenciária de Linhares havia uma ala só para preso político. Ali a gente ouvia as coisas mais estranhas, algumas denúncias graves de barbaridade, ameaças, perseguições a presos, espancamentos, e outros disseram que não, eram muito bem tratados, havia as duas coisas. Morreu recentemente um coronel, esqueço o nome dele aqui agora, que a gente ouvia dele as mesmas coisas, que ele tratava muito bem os políticos e tratava muito mal, a gente ouvia as duas coisas, um desses presos aqui é o atual prefeito de Belo Horizonte, Márcio Lacerda, que ficou ao lado da cela do Tito Guimarães, jornalista, todos eles tinham informações muito diferentes em relação a esse Coronel Grunewald, eu, por exemplo, ouvi pessoalmente coisas diferentes em relação a ele, tratava bem e tratava mal, ele morreu, creio que a gente pudesse descobrir afinal com quem estava com a razão.

P/1 – Mas mesmo que você tivesse essas fontes você jamais conseguiria publicá-las no Diário Mercantil na época?

R – Era censura mesmo para valer, de vez em quando a gente conseguia burlar, porque o seguinte, sabe, Christina? A polícia federal entrava na redação e dizia assim: “Quem é o chefe aqui?” é o fulano de tal, “Faça o favor de ler o telegrama” você lia o telegrama, um, por exemplo, eu li: ‘Proibido qualquer informação sobre o pronunciamento do Dom Helder Câmara,’ “Leu? Então assina aqui ciente atrás” você não ficava com esse papel, só tem um caso, que está comigo, se nós fizermos uma hora o museu da imprensa, que eu estou sonhando com isso, esse é um dos documentos que vai estar lá. “O filho do ministro Alfredo Buzaid, acusado de assassinar uma moça em Brasília não pode ser publicado, leu?” Leu, agora assina aqui e pronto, está encerrado, você não ficava com documento disso não. Mas a censura era brava, nossa

senhora! E depois também vale citar, fora a censura praticada pelos agentes do governo, havia também a censura da própria empresa, que queria se preservar com poder, então não queria se arriscar também, não vamos dar uma notícia aqui para desagradar o governo, não tem nada disso, nós tínhamos esses dois tipos de censura, sendo que no caso do Diário Mercantil, Diário da Tarde, da PRB3, que era os órgãos dos Associados, acrescia o fato de ser uma organização muito simpática ao governo, muito simpática, esse foi o nosso sofrimento na época.

P/1 – A morte do Chateaubriand em 67, se não me engano, ela afetou a relações do Diário Mercantil, Super B3, Diário da Tarde? Como a referência desse império na época, eu acredito que a referência fosse o Rio de Janeiro, né?

R – Afetou sim, afetou porque com a morte do Assis Chateaubriand ocorreu assim que os diários a perder prestígio, o Renato Dias Filho, que era o diretor aqui chegou a ser membro do condomínio dos Diários Associados, mas logo depois foi deixado de lado, fecharam o Diário Mercantil, fecharam o Diário da Tarde, venderam a rádio, ele protestando, mas não foi ouvido. O prestígio começou a acabar com o fim do Chateaubriand. O Chateaubriand foi um negócio incrível, porque a gente recebia notícia lá do Rio, o homem está muito mal, dessa ele não escapa, vamos para o linotipo, três páginas sobre biografia dele, e ficava aquilo na rama lá, com chumbo fechado lá, e o homem está vivo, aí precisava derreter o chumbo. Oh! O homem está muito mal, compõe tudo outra vez, sei que quando ele morreu não tinha nada composto, e geralmente ficava três páginas, que foi uma figura singular para os Diários Associados.

P/1 – Vinha muito a Juiz de Fora?

R – Não, poucas vezes, ele veio que eu me lembro duas vezes, uma para oferecer um avião, no aeroclube, fez um campanha, e outro naquela campanha que vou aí dos Diários Associados das pessoas iam doar anéis e alianças, colares, para derreter e fazer ouro para salvar o Brasil. E ele veio aqui uma vez, e depois ele se encantou muito aqui com uma colega nossa, ficou encantado com ela, e ele trouxe para ela de presente uma coleção de roupas íntimas, diversas vezes ele esteve aí, ele apreciava essas coisas.

P/1 – Wilson, qual foi a grande matéria desse período do Diário Mercantil? Você sempre considerou o jornal de referência, o jornal com a cara de Juiz de Fora, algumas grandes matérias marcaram você? Que você tenha escrito? Que você tenha ajudado a copidescar, a editar?

R – Esse período militar aí, político e das eleições presidenciais foram períodos muito interessante, mas as duas coisas que mais me sensibilizaram que eu fiz

foi no rádio, foi quando nós fomos transmitir a chegada do Fidel Castro, transmitimos a chegada do Fidel Castro, lá no Itamarati, e em dezembro de 62 com o incêndio do circo em Niterói, José Carlos e transmitimos lá de uma padaria.

P/1 – Vocês estavam em Niterói?

R – Estávamos passando naquele domingo em Niterói.

P/1 – Fala um pouco para nós sobre isso.

R – Meu tio, que morava na Rua Tamoios, lá em Niterói, havia dado de presente para a minha mãe um aparelho de televisão, e eu estava no Rio tinha sido a exposição industrial lá, e o José Carlos e eu aproveitamos atravessamos a barca e somos ali apanhar esse aparelho de televisão para minha mãe e na volta ocorreu exatamente na hora do incêndio, e nós tínhamos maleta no carro do jornal, puxamos fio da padaria, telefone cedido e transmitimos. Foi um negócio horroroso, antes se nós não tivéssemos passado na hora, porque ainda agora, recentemente saiu um livro, acho que só eu, resto só eu de jornalista que assistiu, transmitiram, José Carlos morreu, acho que só eu mesmo, transmitindo na hora ali. Mas foi bom que não tivesse sido, na hora 360 mortos, ali foi bravo, aquilo não saiu da cabeça, não sai. Bom! Falando sobre Fidel Castro, Fidel Castro era aquele monstro, o mundo inteiro olhando aquele encantamento, aquele homem, o salvado da humanidade, o pai dos pobres, aquilo era um monstro sagrado, olhar para aquele homem e segurar o microfone para ele é um negócio maravilhoso, isso ficou marcado também, depois se mostrou não ser nada disso. E a outra foi do incêndio, mas sempre em rádio, quando Eisenhower presidente dos Estados Unidos esteve aqui, também transmitimos do Rio, sobretudo como eu falei com você. A televisão ainda era incipiente no jornalismo, hoje se você disser o Fidel Castro chegou no Rio de Janeiro, o rádio nem vai lá, a televisão está lá na hora, momentânea, não tem como competir com a televisão nesse campo.

P/1 – Era uma rádio de interior, também jornal de interior, e você se deslocava e numa época em que a dificuldade era grande, viajar ao Rio demorava o quê? Cinco horas?

R – Você parava em Matias Barbosa para relaxar, a inauguração de Brasília, também transmitimos de lá, Geraldo Mendes, está vivo aí, Gudesteu Mendes, já falecido, transmitimos de lá a inauguração de Brasília. A gente tinha que ir porque a televisão não estava aí, as semanas santas, eram assim cobertura gloriosas como carnaval, hoje o rádio não faz mais isso, hoje a televisão faz e faz muito bem.

P/1 – Como era a cobertura da semana santa, por exemplo, aqui em Juiz de Fora, o que é que você fazia?

R – Uma vez eu fui deslocado para Salvador, transmiti da Igreja de São Francisco em Salvador, Heitor Augusto foi para Ouro Preto, José Carlos foi para Mariana, Barbacena, a gente fazia esse jogo, passava um para outro. Na eleição do Jânio Quadros, 1960, o Geraldo Magela foi para Belo Horizonte, eu fui para Curitiba e São Paulo, José Carlos foi para o Rio de Janeiro, a gente se movimentava, em 60 nós fomos transmitir a apuração da eleição no Parque Ibirapuera, aquela estrutura daquelas emissoras de São Paulo de humilhar a gente, mas concidentemente um chefe de um deles lá era de Juiz de Fora, nascido em Juiz de Fora, bairro São Mateus, e se preocupou com a gente, deu cobertura total, e nós na apuração da eleição de Jânio Quadros acabamos fazendo um papel bem razoável lá, tanto é que teve uma feijoada a imprensa em homenagem a Jânio Quadros lá no Ibirapuera, nós fomos escolhidos para saldar os caras lá, o rádio tinha expressão, o rádio foi muito expressivo.

P/1 – É curioso também, porque havia uma descentralização, quer dizer, no modelo vamos dizer americano do norte, em que você tem emissoras locais que os correspondentes, os jornalistas dessas emissoras é que se locomovia, quer dizer, não se comprava matéria de outra emissora, quer dizer, uma valorização do profissional local.

R – Exatamente. E com dificuldades incríveis, você vê a transmissão do incêndio no circo americano em Niterói, foi feito com uma maleta de som de três palmos de tamanho, e uma imensidade de fio, hoje nem usa isso mais, é tudo sem fio. A dificuldade era imensa, agora como, a gente diz o seguinte, a cidade tem saber, tem que saber que o Fidel Castro está no Brasil, então vamos lá. A Semana Santa em São João Del Rei é celebrada, então vamos lá, mas é muito bonita em Salvador, manda um para Salvador, tinha essa preocupação. E hoje por causa de televisão não existe, e é para não existir mesmo, o rádio hoje é outra coisa. Agora o jornal, o jornal era interessante porque quando houve aquela transformação técnica, de tecnologia a serviço do jornal, as coisas mudaram demais, inclusive no ânimo das pessoas, na importância das pessoas em relação ao fato, interpretação menos pessoal, é mais factual, houve uma modificação muito interessante. Aí, o jornal tem que ter uma preocupação plástica, quer dizer, jornal tem que ter uma diagramação, não pode ser aquela situação, que você botando lá continua na página três, volta na página dois, não pode ter mais isso, não é aqueles paquês imensos de chumbo, difícil de ler, nada disso. Houve uma evolução muito grande e para melhor, isso não resta a menor dúvida, a única coisa que talvez não tenha melhorado é que uma grande maioria de redatores tinham uma linguagem melhor, porque liam mais, às vezes quando os futuros colegas vão conversar comigo, sobre o que eu acho, o que era, o que foi, o que é que eu acho que

seria a grande dificuldade da comunicação hoje, eu acho que é a falta de leitura, acho que as pessoas leem pouco, que era a grande virtude dos antigos, eles liam demais, até porque não tinham outra coisa para fazer, para se divertir, liam muito, então, tinham um texto brilhante, hoje nem sempre, a gente tem dificuldades imensas aí. Agora, recentemente, trabalhei no Jornal Panorama e no JF Hoje, uma época até você também esteve lá, a gente vê essa dificuldade imensa, de lidar com a linguagem, com o idioma, muito difícil, e eu acho que isso é o grande crime que se comete contra essa nova geração da comunicação, deixar as pessoas passarem sem ler muito, talvez seja essa a dificuldade que as pessoas, coitadas, vão encontrar lá na frente depois, porque quando não sabem escrever bem, você força a uma seleção com os que já estão habituados, então, a renovação fica mais difícil, e sem renovação nós estamos complicados, é preciso renovar.

P/1 – Da velha geração você tem, assim, algum jornalista que foi assim um ideal para você? Que você sempre admirou pela qualidade do texto? Pela qualidade da investigação jornalística?

R – O Gilberto de Alencar, o Paulino de Oliveira, e como editorialista o Hipólito Teixeira, foram figuras que me marcaram muito. Atualmente Eduardo de Almeida Reis, que é um texto brilhantíssimo, Eduardo Almeida Reis é hoje um dos grandes escritores da imprensa brasileira, morando em Juiz de Fora, está morando aqui, mas é uma maravilha de texto, agora a Cosette de Alencar, foi minha colega também, muito bem. O Mário Helênio, na área de esporte, era um texto muito bom, muito bom o texto dele, Mário Helênio aconteceu uma coisa interessante, porque eu nunca trabalhei na editoria de esporte, mas trabalhava de madrugada lá e ele recebia essas delegações de bairros, clubes, não sei o que, sorteio, desfile, aquilo era uma movimentação infernal durante a madrugada lá, eu sempre ouvi o Mário Helênio dizer que o futebol em Juiz de Fora não pode começar com preocupação com estádio, isso eu ouvi, o estádio não vai resolver o problema do futebol e o estádio hoje tem o nome dele. Interessante, cansei de ouvir isso, mas era um bom texto também. Cosette também, Paulino de Oliveira, o Irven Cavalieri, texto muito bons.

P/1 – Era um espaço para a cultura no jornal também que se perdeu, um espaço que era ocupado por esses cronistas, pelos editoriais, o jornal parece que nesse ponto ele realmente não sei se não existe mais, expressões com esses talentos, para escrever crônica o que for.

R – O Guimarães tinha um caderno dominical no Diário Mercantil, colaborava com ele o José Paulo Neto e a Cosette de Alencar, e artigos que vinham do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Pedro Nava andou colaborando também, esse que foi ministro, o Luiz Dulci, que fazia poemas publicados no Diário Mercantil. Então, havia grandes colaboradores, mas essa preocupação que você está

dizendo inexistente hoje, cultura, poesia, os jornais não querem cuidar mais disso não, não querem cuidar, mas havia um caderno, eu me lembro, no Diário Mercantil dominical.

P/1 – Arte e literatura, era um caderno expressivo com resenhas de cinema imensa, crônicas da Cosette.

R – Sobre cinema tinha o Décio Lopes, escrevia muito sobre cinema, eles se especializavam, era uma coisa muito interessante. Hoje não tem espaço para isso, mas não era só o Diário Mercantil e o Diário da Tarde não, nenhum jornal hoje não tem um caderno para isso, tem páginas, mas não tem dedicação dando prioridade a isso, é outra coisa que mudou muito.

P/1 – Inclusive que havia um espaço para a crítica, crítica de cinema, crítica de teatro, hoje isso é praticamente inexistente.

R – Os críticos de cinema se associavam muito a uma revista chamada Torre de Marfim, que é uma revista especializada em filmes, comentava muito cinematografia, e de certa forma foi o pessoal que mexia nesta área foi o pessoal que ajudou a preservar, ainda resta hoje do João Carriço, que também colaborou conosco, João Carriço estava sempre lá, figura exponencial do cinema.

P/1 – O fim do Diário Mercantil tem um sabor muito amargo para você, que escreveu um artigo que é referência, e que faz muito jornalista mais novo chorar quando lê, sobre o que é que é o fim de um jornal. Eu queria que você falasse desse momento para mim.

R – Eu sou calejado, porque já estive em sete fechamentos, de maneira que em matéria de velório de jornal eu sou especialista. Mas o Diário Mercantil, que vem de uma tradição de 70 anos, era o grande jornal, e onde nós começamos, onde a gente via as pessoas aparecerem, surgirem, nascerem e prosperarem, como, por exemplo, o César Romero, um exemplo entre outros muitos. Agora o Diário Mercantil, primeiro porque a gente confiava muito na estrutura de uma empresa de um grupo nacional, que era os Diários Associados, a gente achava que o jornal era intocável naquela época, segundo lugar porque era o grande jornal da cidade, isso ninguém discutia, era o grande jornal da cidade era o Diário Mercantil, influenciava demais. O Diário Mercantil foi contra empresa telefônica municipal, caiu, vai para o chão mesmo, não tinha conversa. Aí, chegou aquela coisa no dia do fechamento, foi num dia de uma grande festa do jornal promovido pelo César Romero, um baile, uma festa, novembro, agora fez 30 anos agora. Uma festa, aquela coisa toda, a direção mandou que reservasse na primeira página três colunas com 15 centímetros para um anúncio, às oito horas da noite chega o anúncio comunicando que o jornal tinha

fechado. Nós não tivemos nem tempo de reagir, fazer qualquer coisa, o prefeito da época Mello Reis também tentou fazer alguma coisa, mas não teve jeito. Aí, doeu muito, e com ele foi o Diário da Tarde, também fechou o Diário da Tarde, foi numa época até então, nós tínhamos o que? Diário Mercantil, Diário da Tarde, Gazeta Comercial, A Tarde, Folha Mineira.

P/1 – E já Tribuna.

R – E a Tribuna, veio logo depois.

P/1 – E o Diário Regional também?

R – Mas bem mais tarde, o Diário Regional não sei se tem 11 anos agora, por aí ou 12 anos.

P/1 – O Mercantil fechou em 83.

R – A Tribuna já estava lá, a Tribuna até começou a absorver uma parte do pessoal, quando o Mercantil fechou ele já estava na UTI, estava no balão de oxigênio.

P/1 – O problema foi o endividamento com a compra do material offset? Ou outra coisa?

R – Começou por aí, uma operação bancária com o Banco do Estado de São Paulo baseado no dólar, dólar americano, e aquilo veio uma cascata aquilo, então, a cascata não teve jeito de segurar, processo foi tumultuando, aí a empresa resolveu fechar, mas foi doloroso, foi doloroso o fechamento do Mercantil, ficou marcado.

P/1 – Nesse seu artigo póstumo com relação ao jornal, você fala que nunca um Campari foi tão amargo.

R – Verdade, o pessoal ficou muito desorientado, até porque, sabe Christina? É o seguinte fechado o Diário Mercantil, mas e o resto? Se esse que é o poderoso, que é o imbatível, caiu, quebrou, como vai ser? As pessoas começaram a ter essa preocupação, inclusive com o recém-nascido, hoje o jornal da cidade que é a Tribuna, o pessoal ficou preocupado, fechou o Mercantil, o que pode acontecer com os outros todos? E acabou acontecendo com a maior parte, foi isso.

P/1 – Do Mercantil você foi trabalhar aonde? Em jornal, Hoje Em Dia?

R – Aí, fui trabalhar na sucursal do Estado de Minas, na sucursal Hoje Em Dia, do meu compadre, meu amigo, Herval Braz, criou o Hoje Em Dia e me chamou para trabalhar, criou O Tempo, e eu fui trabalhar com ele, trabalhei na sucursal do Estado de Minas sempre aqui em Juiz de Fora, fui correspondente do Globo durante 19 anos aqui. Aí, o Globo depois eliminou essa política de correspondente não nas capitais, cancelou também o trabalho dele aqui em Juiz de Fora. E eu fiquei aí, depois teve essa experiência...

P/1 – Como correspondente, vamos só pensar um pouco, você escreveu muito anos para o Hoje Em Dia, por exemplo, O Tempo, foi um bom período, né?

R – É porque nós tínhamos caderno semanal da região, isso ocupava além do factual, além do diário, isso ocupava muito a redação. O Hoje Em Dia, por exemplo, chegou a ter 16 redatores, não 12 redatores, porque tinha aquela cobertura diária e a preparação do caderno semanal, era trabalhoso, era bem trabalhoso, era uma redaçãozinha bem razoável. Agora depois veio o Panorama.

P/1 – A experiência do Panorama foi mais recente, você também passou pelo Diário Regional?

R – É o Diário Regional, eu fiquei lá algum tempo.

P/1 – Que período que foi do Diário Regional?

R – Foi no começo e nos quatro anos seguintes, aí depois eu tive que sair, fui para o Panorama, aí parte dez anos seguidos fiquei no Panorama e JF Hoje, dez anos.

P/1 – A experiência do Panorama era de uma redação totalmente diferente daquela redação do Diário Mercantil, toda informatizada, todos os requintes da tecnologia, uma proposta diferente, por que é que o Panorama não deu certo?

R – Não deu certo pelo seguinte, porque eu acho que ele foi projetado acima da expectativa do mercado, porque tinha a televisão por trás também. Enquanto aquela estrutura se permitiu oferecer manutenção do jornal, foi tudo muito bem, mas depois essa fonte foi se esgotando, o custo foi aumentando muito e não teve como manter, aí fechou. Aí, foi reduzido para um projeto bem menor, o Panorama tabloide, ainda assim não deu, aí passou para o JF, ainda assim não deu, não há estrutura comercial para isso. Em Juiz de Fora, por exemplo, você vê 70 e tantos por cento de toda a circulação publicitária fica com a TV Globo, a filiada Globo, o resto é para dividir com todos. Então, é uma coisa de sacrifício mesmo. E a mídia impressa tem as suas dificuldades aí, porque a mídia impressa ela tem se revelado cada vez mais dependente do

seguinte fato: ou ela é muito boa, lá nas grandes capitais ela tem força para publicidade, ou ela está no interior e não tem força nenhuma para obter a publicidade, aí complica a vida, aí complica a vida para valer mesmo. Você vê o que jornal no interior faz o que é que faz? O que é que pode fazer o jornal de interior? Ou ele tem que estar estruturado numa empresa, numa gráfica, num grupo de televisão, numa igreja, as igrejas hoje, as pequenas igrejas são grandes negócios, estão se situando também como mantenedoras de alguns jornais.

P/1 – Mas você acredita que é viável se fazer jornalismo de interior, jornal impresso?

R – Eu acho que com algum sacrifício é possível, com algum sacrifício, mas sem maiores pretensões, não vejo como fazer um grande jornal, não vejo não, a não ser que você faça como acabo de dizer, um jornal assim: o grupo tal, a gráfica tal, a estrutura empresarial tal resolve fazer um jornal e arcar com o prejuízo. Qualquer jornal do interior é deficitário, qualquer um está no vermelho. Enquanto tiver um grupo interessado em manter tudo bem, cessa-se esse interesse, cessa-se também a capacidade de circulação.

P/1 – Hoje nem politicamente você vê esse interesse aqui em Juiz de Fora de nenhum grupo manter outros jornais além do que nós temos hoje? Quer dizer, como diários: o Diário Regional e a Tribuna.

R – Não tem, não vejo esse interesse também não, esse interesse quando existe está centrado nas capitais, na suposição de que repercute para o interior. Eu acho equivocada essa visão pelo seguinte, porque o grande interesse dos grupos políticos que aspiram ao domínio, a presença, ao poder, é exatamente a integração do interior, se eles conseguissem fazer um jornal, uma imprensa capaz de promover essa integração, quer dizer, vamos tomar Minas, por exemplo. Minas não pode ser um pedaço para a Bahia, um pedaço para o Rio, um pedaço para São Paulo, o Sul fala com São Paulo, o Norte fala para a Bahia, a Mata fala para o Rio de Janeiro, entendeu? Se não houver uma costura, uma integração com isso daí, não vai ser possível ter um jornal de expressão não, que envolve um problema de estrutura, um problema de distribuição, complica.

P/1 – E o juiz-forano não lê os grandes jornais mineiros, ele lê, principalmente, o Globo, jornal carioca.

R – E mesmo assim muito pouco, nos temos aqui o quê? Nos temos não mais do que 15 mil leitores de jornal por dia, incluindo os grandes, os grandes jornais do Rio e São Paulo.

P/1 – O Fritz Utzeri que participou desse projeto do jornal Panorama, dizia que Minas era o estado brasileiro que menos se lia jornais, você compactua com a ideia?

R – É o Fritz dizia isso, falou comigo umas vezes, e eu na minha mineiridade falei assim: oh Fritz, mas nós ganhamos do Piauí, mas só também, mas não se lê mesmo não. O Fritz era um entusiasta, ele queria novidade, faleceu aqui na cidade o homossexual mais conhecido de Juiz de Fora, veteraníssimo nisso aí, e você precisa vê a batalha do Fritz para publicar uma página cor de rosa naquele dia, ele fez o diabo, mas não conseguiu, mas ele morreu entusiasmado com o jornal. Ele mantinha um blog, algumas vezes eu conversei com ele até pouco antes dele morrer, ele falou assim: mas não é a mesma coisa, não tem nada a ver. Algumas pessoas, o Omar Peres, por exemplo, é um que acha que o jornal impresso tem mais cinco, seis anos de vida, eu quero resistir a isso, sabe? Eu acho que você poder tocar o jornal com a mão, ter intimidade com o papel, com a tinta, eu acho que ainda vai pesar mais, o Fritz também achava: não vai morrer não. É a mesma coisa do livro, você já tentou ler um livro pela internet? É um horror. Então, eu penso isso, estou confiando nisso daí.

P/1 – E a sua experiência na televisão?

R – Muito passageira, graças a Deus.

P/1 – Você teve duas fases de experiência, uma na TV Mariano Procópio.

R – Pois é a TV Mariano Procópio, que era dos Associados, ela fazia qualquer coisa, eventualmente, por exemplo, esse dia que eu falei com você a chega do presidente João Goulart em maio de 1963 no aniversário da cidade, aqui mesmo onde nós estamos falando, tínhamos estúdio aqui para transmitir um programa especial da cidade para a TV Itacolomi, para a TV Mariano Procópio, mas muito eventualmente. Uma vez fizemos aqui também uma entrevista com o senador João Calmon, eu fiz a entrevista com ele, também pela TV Mariano Procópio uma cobertura, sei lá, aniversário da cidade, um evento qualquer, um seminário do desenvolvimento regional também fizemos, toda produzida, depois o seguinte, sabe, Christina? Tivemos uma época que tínhamos um telejornal de cinco minutos na Tupi sobre Juiz de Fora, olha você vê, o Jorge Couri filmava, fotografava, eu redigia punha no ônibus da Útil, chegar lá para eles colorarem cinco minutos, durou pouco também, não tinha como continuar. Outra vez foi aqui na televisão, programa mesa de debate, mas nunca me senti confortável em televisão não. Uma vez a TV Globo aqui o Hugo Alessi me convidou para fazer uns comentários, processo eleitoral, acho que 86, também foi só isso, não teve grande destaque não, não entra na minha biografia não.

P/1 – E com relação ao blog, você tem o blog há quanto tempo?

R – Três anos, isso que está me entusiasmando, porque é muita gente que acessa e comenta em um ano parece que 63 mil pessoas se escreveram lá.

P/1 – Sessenta e três mil, você bateu qualquer, não audiência da Globo, mas...

R – Mas isso em um ano, a Globo faz isso, mas é uma experiência interessante, mas digo a você ainda não é o jornal na mão não, mas é muitas pessoas. Recentemente um colega nosso, foi diagramador no Mercantil, passou alguns tempos morando nos Estados Unidos, voltou agora, foi tudo lá, inclusive motorista de taxi, voltou agora e encontrou-se comigo recentemente falou comigo: “Precisamos fazer jornal,” “Vamos sim,” “Mas nada de jornal não, papel não é na internet,” quer dizer, já vem com essa mentalidade de lá também, porque é preciso substituir o papel, não sei.

P/1 – Você também teve uma experiência rápida, mas com o Ter Notícias de distribuição gratuita?

R – Pois é essa foi, mas essa experiência do gratuito já havia, o Omar já havia feito algum tempo com o Panorama, que era o seguinte: se você contar a despesa que você tem com bancas, com distribuição, com arquivo, com redistribuição, enfim, essa estrutura você vê que quase que compensa você distribuir gratuitamente quase, e fizemos uma experiência lá, eu acho sabe? Que analisando hoje três, quatro anos dessa experiência em Juiz de Fora, eu acho que a contribuição foi no sentido de convocar uma faixa da população que não lia, não sei se ela hoje compra jornal por causa disso, mas eu acho que foi uma contribuição, as pessoas terem acesso à leitura sem ter que comprar jornal. Você vê o nosso jornal chegava às seis horas na Praça da Estação, era preciso pedir às vezes ajuda da polícia, a pessoa vinha interessada em obter o jornal.

P/1 – Isso com relação ao Ter Notícias? Era rodado no Rio também?

R – Era rodado no Rio, em Duque de Caxias às seis horas da manhã estava aqui, às vezes até mais cedo. Mas a experiência foi boa nesse sentido, a gente avaliar se as pessoas não tiverem que comprar jornal elas leem, isso ficou demonstrado, porque se você criar o hábito de ler jornal, quanto custa o jornal hoje? Um bom jornal você paga dois e meio, três reais, se você se habituar, um assalariado não pode se dar esse luxo, ainda mais que ele sabe que a televisãozinha dele lá vai dar aquilo tudo, então, se você consegue sensibilizar parte da população acho que é um resultado interessante.

P/1 – Aí você dependeria do mercado publicitário, que é que realmente sustenta, ou a ação do governo, anúncios institucionais de governo, ou mercado publicitário em geral.

R – Mas a publicidade do governo é uma publicidade complicada, porque você fazer um contrato de uma peça publicitária do governo em março, em julho, setembro, agosto ainda não te pagaram, você tem que criar um capital de giro para suportar essa coisa, mas também se você ficar só na dependência de patrocínio dos órgãos públicos você fica um pouco amarrado em relação a opinião e a crítica, não é também o ideal, ainda que o Estado e a União desejasse financiar o seu jornal não seria o ideal, por causa da sua vinculação, e eles cobram, são bons para cobrar.

P/1 – Você recebeu muito pressão ao longo do tempo em que você foi editor de política?

R – Nossa! Só pressão.

P/1 – Tem alguma, assim, que ficou na história?

R – Pressão, pressão? Na campanha que elegeu o presidente Collor, o Globo me destacou para cobrir o Collor na Zona da Mata, e era aquela correria incrível. E eu fui e ali a hora que saía eles cobravam da gente, o pessoal em cima, tinha cinco mil pessoas você falou que tinha mil, essa coisa de sempre, mas isso até hoje tem. A marcha dos gays teve 15 mil, não tinha 150 mil, sempre uma complicação, porque antigamente nos jornais a gente calculava a multidão multiplicando a largura pelo comprimento, multiplicava por dois se tiver parado e por quatro se estiver andando isso que era a fórmula, mas hoje eles têm outras fontes de cálculo, avaliação, e portanto conflita muito.

P/1 – No blog qual que é a sua experiência, você escreve diariamente? Você é sozinho? Tem uma equipe?

R – Sozinho, e não estou conseguindo ainda fazer todo o dia não, tenho tentado fazer de dois em dois dias, dois em dois eu tenho tentado fazer.

P/1 – Mas é algo que tem te dado, assim, satisfação?

R – Tem, porque você não fica desligado do fato, e você tem uma chance de comentar mais o fato, o blog você tem mais autoridade para comentar, dá a sua interpretação pessoal no fato, tem vantagem assim.

P/1 – E você acha que, por exemplo, vários políticos inclusive aqui da cidade tem o seu blog hoje, mas você acredita que os próprios jornalistas, seus colegas leiam o seu blog para dali tirar pautas? Ou reflexões?

R – Alguns me dizem isso: tenho lido lá, tem observado, alguns me falam isso, mas não são muito também não, poucos.

P/1 – É uma luta mais solitária?

R – Luta mais solitária, e depois o seguinte, o blog o sujeito chega para ler meia noite, uma hora da manhã, onze horas, o que ele tinha que escrever ele já escreveu, é mais difícil ele se pautar por isso. Mas ainda assim alguns me falam: li tal e tal, vou desenvolver isso, vou desdobrar isso, eles pedem a minha opinião sobre isso, até que ocorre.

não?P/1 – Wilson é uma história todo dedicada ao jornalismo, você nunca quis ser professor

R – Não, não quis não, nunca me interessei por isso não.

P/1 – Nem escrever livros?

R – Escrever livros eu fico tentando para ver se encontro uma hora para dar uma contribuição nesse sentido, nem que seja para recolher coisas que já foram publicadas aí, ou cartas que eu escrevi. Eu recentemente escrevi uma carta para o prefeito dizendo a ele o seguinte: prefeito temos muitos erros de informações nas placas de rua de Juiz de Fora, temos que corrigir isso. Fiz um estudo sobre isso de placas em Juiz de Fora, ele achou muito bom e prometeu tomar providência. Veja você, por exemplo, a Rua Fonseca Hermes, Fonseca Hermes foi um grande vereador, republicano, combativo, um dos líderes em Minas Gerais pelo voto da mulher, pelo voto secreto, tem nome da rua, na placa está escrito presidente da república 1910-1914, confunde Fonseca Hermes com Hermes da Fonseca. O Brasil inteiro conhece o professor Mister Moore como o homem do Granbery, lá está escrito assim: bacharel em Ciências Sociais. Você vai na Rua Delfim Moreira, deputado, o homem foi presidente da república, coisas assim, precisava dar uma, além de equívocos que você não pode consertar mais, Rua Tietê, lá em São Mateus, escrito assim: rio de São Paulo, o que é que nós temos a ver com rio em São Paulo? Rua Caiçaras: homenagem aos índios, aqui nunca teve um caiçara, nunca pisou um índio que não seja os botocudos, barrigudos, então, certas desinformações, isso aí eu penso talvez publicar isso.

P/1 – Você tem uma atividade bastante intensa, e aí já publicou artigos em livro, por exemplo, do Instituto Histórico Geográfico, aqui de Juiz de Fora aonde você tem uma atividade bastante intensa?

R – Fui presidente lá seis anos e fui presidente do São Tomás de Aquino seis anos também, e sou secretário do Conselho de Amigos do Museu, essa atividade sempre me permitiu publicar alguma coisa, um artigo isolado, sobre, por exemplo, essa questão das ruas é um deles, o folclore, o humor na política de Juiz de Fora também publicado, um estudo sobre a estética do cristianismo, no São Tomás de Aquino, coisas assim, sobre alguns pensadores católicos publiquei, uma coisa muito isolada, nunca assim num contexto não.

P/1 – Você também se envolveu muito e acho que ainda se envolve com a luta pela preservação do patrimônio da cidade, sempre atuou muito nesse sentido, olhando essa Juiz de Fora de hoje, sem nostalgia para aquela dos anos 50, o que é que você sente?

R – Pois é nos anos 50, para você vê, o Lindolfo Gomes desenvolveu primeira campanha de Juiz de Fora de preservação desenvolvida pelo Lindolfo Gomes no Diário Mercantil, a luta dele era para não deixar acabar a Fazenda do velho Juiz de Fora, que foi a gênese da cidade, o começo da cidade, o útero da cidade era aquela fazenda, onde hoje está aquela boate Sayonara ali, lutou, lutou, lutou, não conseguiu. Mas o Alcaidemia ao lado do Parque da Saudade, essas coisas sempre me motivaram, e depois o instituto sempre me manteve, quase sempre, vários anos me manteve como representante na comissão de preservação do patrimônio cultural, onde eu relatei alguns processos aí, bem sucedidos de imóveis que acabaram sendo preservados, como também bens móveis. Por exemplo, o apito da Galeria Pio X, é um relato meu, ele é preservado como patrimônio da cidade. Ali eu tenho estudado, tenho procurado participar, algumas frustrações. Eu, por exemplo, fui relator do processo para a não demolição do Colégio Magister, na Rua Braz Bernardino, onde a primeira casa residencial de arte moderna do Brasil, onde tinha os melhores painéis de arte moderna do Brasil, onde havia o sistema de painéis, painéis instalados em ladrilho os melhores do Brasil, eu relatei aquilo debaixo de uma pressão terrível de empresário em cima de mim, me visitaram no escritório com abaixo-assinado, insinuações horríveis, para que eu não sugerisse a preservação, mas consegui aprovação do conselho pela preservação, foi para o prefeito. Aí o prefeito a propósito de estudar um negócio de uma área que tinha lá na frente, devolveu o processo, mas aí já no fim do relatório acabou sendo demolido, era uma obra do Arthur Arcuri, aquele Colégio Magister, foi demolido. Então, tem essas frustrações também, mas eu continuo lá, continuo representando o instituto lá na comissão de preservação do patrimônio.

P/1 – Se você fizesse uma mirada para trás assim, algum arrependimento na sua carreira?

R – Na minha carreira? Não, não tem não, carreira jornalista? Não tem nenhum, nenhum, faria tudo outra vez. Não é arrependimento, mas se fosse possível escolher eu escolheria o rádio, continuava no rádio, mas isso não foi possível, mas não altero nada não, está tudo muito bem, nada a reclamar.

P/1 – Com relação a projetos futuros além do Blog?

R – Christina, projetos futuros é eu viver um pouco mais, estou com 73 anos hoje, viver um pouco mais é um projeto e eu não preciso mais nada do que isso não. Agora se eu tiver ainda possibilidade de escrever sobre o patrimônio, preservação do patrimônio, o prefeito, bom! Eu não sei se o prefeito me convidou para ajudar a coordenar alguma coisa nessa área, se eu puder fazer alguma coisa, ainda quero fazer. E o jornal é sempre uma expectativa, eu penso que hoje, por exemplo, em Juiz de Fora talvez um projeto que dê certo seria revista, por duas razões: primeiro para você poder dar a cidade matérias com maior capacidade de reflexão, nós vivemos numa época em que os estudantes de hoje de comunicação precisavam saber disso, nós vivemos numa época de muita informação, pouco conhecimento e nenhuma reflexão, muita informação, pouco conhecimento e nenhuma reflexão, a gente precisa refletir mais sobre as coisas. A televisão não te dá tempo para você refletir, o rádio também não pode dar, então o jornal que ainda pode dar direito de você refletir sobre as coisas, mas a revista, sobretudo a revista é que pode ter matérias capaz de transmitir e conhecer mais densamente as questões do qual ela trata, então penso num projeto de revista em Juiz de Fora ainda possa ativar, não sei te dizer se empresarialmente, se publicitariamente isso eu não sei, mas como jornalismo eu penso que seria uma boa.

P/1 – E na web, internet você também vê possibilidades de você reverter um pouco essa mídia tão concentrada no Brasil? Sempre nas mãos de poucas famílias, de poucos grupos empresariais, você acredita que a internet possa oferecer uma via de mais interatividade, de mão dupla, de uma maior representatividade, maioria que eram vistas como minoria para os grandes veículos?

R – Pois é, eu tenho escrito aí no meu blog, que, ao meu ver, um dos grande desafios da eleição de 2014, que vem agora, é que os partidos e os políticos candidatos precisam olhar com maior interesse os recursos da internet, a web, ele tinha que encarar isso melhor, você vê, por exemplo, um recente fato que ao meu ver foi sociologicamente de maior importância essa mobilização quase que espontânea, que teve recentemente da juventude saindo na rua para protestar, pedir providência, depois desvirtuada com violências que não tinham

nada a ver, tanto prejudicou que as manifestações cessaram. Mas eu acho que a internet ainda é o grande instrumento para você desenvolver melhor capacidade de entrosamento, sobretudo com a nova geração de eleitores que não está lendo jornal, precisa conhecer mais esses fatos aí, e é um instrumento para você aprofundar o conhecimento e eu acho que também permite a você ter, assim, uma convivência mais direta com representantes políticos, interagir mais com o seu representante, com seu agente político, que seria uma virtude do voto distrital, você poder cobrar mais, você ter mais intimidade com o seu agente, seu eleitor. 70% das pessoas no Brasil entrevistadas não sabem em quem votaram na última eleição, não há essa interação, essa interatividade sobre tudo.

P/1 – Na sua vida pessoal, você tem três netos, são três filhos e três netos?

R – Três filhos e três netos.

P/1 – Dos filhos você tem um jornalista, que trabalha com publicidade e designer.

R – Hoje se dedica a publicidade.

P/1 – E os outros dois?

R – Economista professor de estatística, e o outro é advogado, e três netos.

P/1 – Os netos: uma menina e dois meninos?

R – Exato. O Gabriel com 15 anos, a Helena com seis, e o Artur com dois meses.

P/1 – Quanto tempo de casado?

R – Que falta de criatividade, 46 anos de casado, 46? 47 de casado, uma falta de criatividade.

P/1 – Quer dizer, a sua mulher aguentou toda essa boemia?

R – Aguentou, ela superou bem essa, porque você vê o jornal fechava uma hora da manhã, aí você ia para o Faisão Dourado, jantar, conversar, aí coisa complicada, aí dá um incêndio, você sai correndo, aí morreu o papa, abre o jornal lá, coisa complicada, uma vida assim. Vida de bombeiro, médico acorda a qualquer hora, sai qualquer hora, mas compreendeu isso bem, teve vantagens também.

P/1 – E você não foi daqueles, porque hoje quando a gente diz assim, você não vai falar para o seu filho fazer comunicação, você tem uma filha jornalista, você alguma vez falou para ela assim: não faça jornalismo?

R – Não, não nunca falei não, eu sempre procurei advertir das dificuldades que existem, as dificuldades inerentes a essa atividade profissional e outras dificuldades que são inerentes de outras profissões, o médico tem as suas dificuldades, o jornalista tem sua dificuldade, o engenheiro tem lá a sua dificuldade, todas as profissões tem dificuldades específicas, características, e eu sempre advertir contra as que são características da nossa área de comunicação. Uma delas é a absoluta certeza de que é impossível você sobreviver só com o salário profissional, é uma advertência que eu fiz, mas nunca desanimei não, vai em frente, e quero que ela seja feliz.

P/1 – Eu gostaria de saber como é que você viu essa experiência aqui de contar um pouco da sua história para nós, foi bom?

R – Foi bom, sempre muito agradável remexer as coisas antigas, até porque pode ser que alguma coisa com o passar do tempo a gente vai esquecendo, às vezes eu pego uma foto assim e digo: meu Deus, quantos já foram embora, com os quais eu convivi assim, diariamente, já não tem mais, conversava tanto com o Paulino de Oliveira, falecido, conversava tanto com Almir de Oliveira, que está vivo felizmente, mas não está na atividade mais, tem seus 97 anos, Rangel Coelho, o grande poeta da cidade, trovador incrível, muito amigo também do jornal. Enfim, a gente vai vendo que as pessoas vão se afastando, e quando as pessoas estimadas, pessoas queridas vão se afastando é sinal que a coisa está rodando em volta, pode te atingir a qualquer hora. Mas esse encontro é essa coisa, memorizar. Nós tivemos numa época lá no Museu, aliás, eu nem sei que fim levou isso, uma série de gravações sobre o Museu da Imagem e do Som, jornalistas, eu me lembro que uma vez Cláudio Temponi e Waltencir Mattos, Mário Helênio e eu gravamos depoimento lá, não sei, se ainda existe essa gravação, mas para alguém ficar sabendo, eu procuro sempre guardar muita coisa na eventualidade de um dia a gente materializar essa memória, eu por exemplo, ganhei de presente um linotipo, aquela coisa imensa, a prefeitura está guardando para mim lá, eu tenho assim, coisas, gravações preciosas de rádio, 1926, aqueles panfletos de comerciais, de publicidade, não era publicidade era reclame na época, tudo antigo lá. Programas montados, tudo guardado, algumas coisas interessantes, por exemplo, as sete crônicas do Albino Esteves, ao meio dia na Rádio Sociedade, 1926, quando a Rádio Sociedade era naquele prédio que tinha no meio do Parque Halfeld, numa daquelas criminosas fogueiras de limpeza, de queimar papel velho, aquela coisa, estava indo embora a coleção do Albino Esteves, eu salvei na hora ali, está comigo, coisa assim, que é bom a gente guardar, preservar. Essa conversa aqui também serve muito para isso, lembrar as

coisas assim, por exemplo, quando você me perguntou, faltou dizer, por exemplo, assim, eu falei no Fonseca Hermes, republicano um defensor de voto secreto, livre, soberano, republicano feroz, mas o Pinto de Moura, Francisco Pinto de Moura foi o homem que em 1912 conseguiu uma legislação para preservar um trabalho da infância, numa época que trabalho, a pessoa só deixava de trabalhar quando o patrão mandava parar e era domingo e feriado, e as crianças subindo num caixote. As crianças que lavavam copo, por exemplo, vidro em farmácia, ela não tinha altura para chegar a pia, então tinha que subir em caixotes, e o Pinto Moura legislou sobre isso, pioneiro no Brasil, pioneiro, que beleza. Eu falei para você Fonseca Hermes vou dizer essa lista de brilhantes e Pinto de Moura.

P/1 – Obrigada, então, Wilson. Foi um prazer para nós aqui.

R – Foi meu, o prazer foi meu, sempre que precisar eu estou as ordens.